

Julio Jacobo Waiselfisz

MAPA DA VIOLÊNCIA 2015

Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil

Sumário Executivo



FLACSO
BRASIL

**MAPA DA VIOLÊNCIA 2015:
ADOLESCENTES DE 16 E 17 ANOS DO BRASIL**

Julio Jacobo Waiselfisz

SUMÁRIO EXECUTIVO

CRÉDITOS

Autor: Julio Jacobo Waiselfisz

Assistente: Silvia Andrade Magnata da Fonte

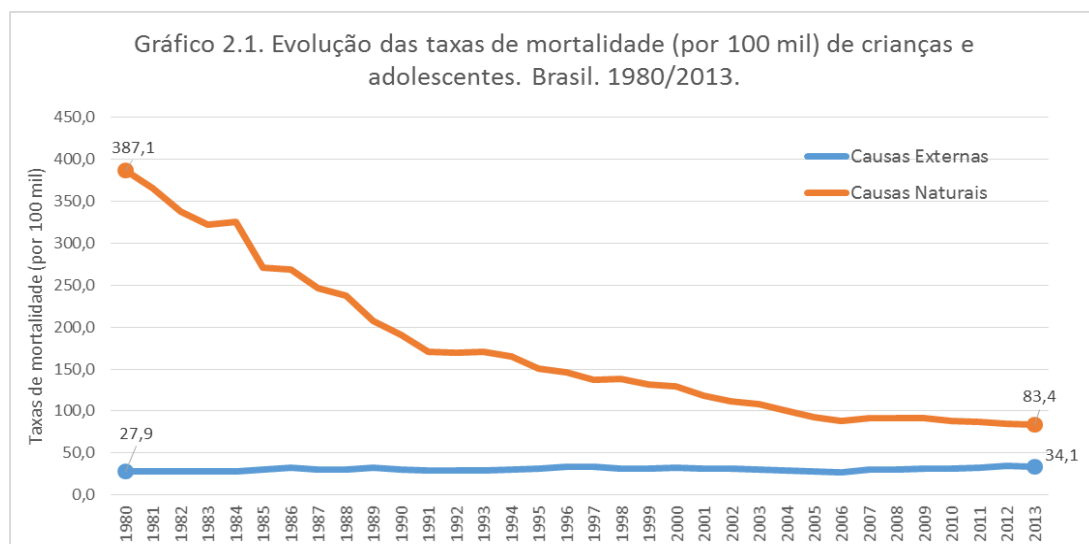
Revisão: Margareth Doher

1. AS FONTES

A fonte básica para a análise dos homicídios no país, em todos os mapas da violência até hoje elaborados, é o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS). Para as comparações internacionais foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da OMS¹, em cuja metodologia baseia-se também o SIM do Ministério da Saúde.

2. HISTÓRICO DAS CAUSAS DE MORTALIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

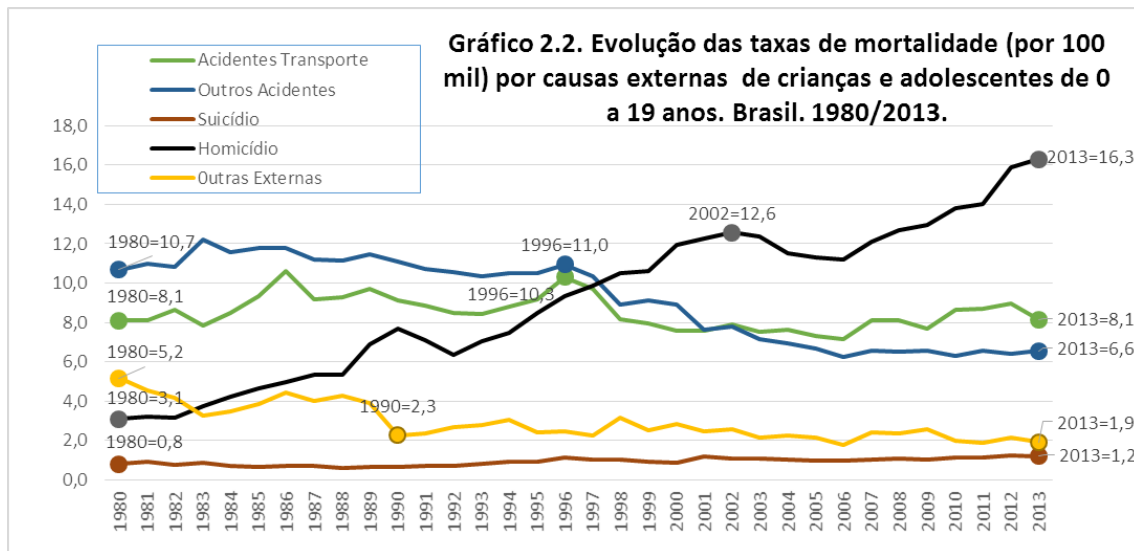
A esperança de vida da população brasileira cresceu significativamente nas últimas décadas em função dos avanços na qualidade de vida, na medicina e na cobertura das instituições de saúde. Também entre as crianças e adolescentes, na faixa de 0 a 19 anos, a mortalidade cai rapidamente: entre 1980 e 2013, as mortes por causas naturais passam de 228.485 para 53.852, forte queda de 76,4%. Na contramão da história, as mortes por causas externas crescem de forma lenta e contínua ao longo do período: passam de 16.457 em 1980 para 22.041 em 2013; aumento de 33,9%. O Gráfico 2.1 ilustra essa evolução em forma de taxas por 100 mil crianças e adolescentes:



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

¹ WHOSIS, *World Mortality Databases*.

Desagregando as causas externas em seus diversos componentes, vemos que, se suicídios de crianças e adolescentes cresceram ao longo do tempo, acidentes de transporte estagnou, outros acidentes e outras violências diminuíram significativamente, são os homicídios que explicam integralmente o crescimento das taxas de mortalidade por causas externas.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

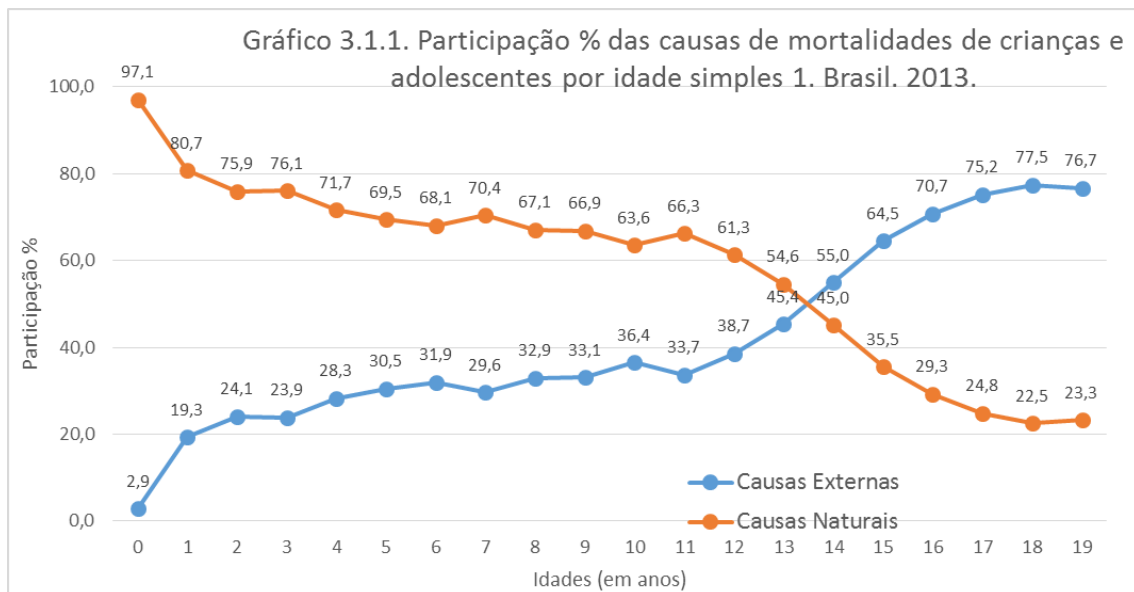
E, por outro lado, vai ser a mortalidade da faixa dos 16 e 17 anos o foco que pressiona para cima os índices das causas externas. Os homicídios têm centralidade nesse contexto, representando 46% do total de óbitos de jovens no ano de 2013 – um crescimento de 372,9% em relação ao ano de 1980. No período de 1980 a 2013, as taxas de óbito (por 100 mil) por acidentes de transporte e suicídio, nessa faixa etária, cresceram 38,3% e 45,5%, respectivamente; a taxa por homicídio cresceu 496,4%.

3. CARACTERIZAÇÃO DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO DE 16 E 17 ANOS

3.1 Homicídios por idades simples

No ano de 2013 foram registradas 75.893 mortes de crianças e adolescentes, na faixa de 0 a 19 anos. Desses registros, 38.966 eram de crianças com menos de 1 ano de idade, cujos óbitos aconteceram por causas naturais em 97,1% dos casos. A proporção de mortes por causas naturais, em relação às causas externas, vai caindo com o avanço da idade, até que aos 14

anos, as causas externas ultrapassam as naturais. Aos 18 anos de idade, os óbitos por causas externas alcançam seu pico, representando 77,5% do total de mortes.



Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil.

O incremento na participação das causas externas deve-se em larga medida aos homicídios. Até os 11 anos de idade, essa causa participa de aproximadamente 2,5% do total de mortes; com o avanço da idade, a participação dos homicídios apresenta um íngreme crescimento até atingir o pico de 48,2% aos 17 anos.

Em 2013, foi registrado um total de 3.561 mortes de adolescentes de 16 anos de idade. Desses, 1.534 foram vítimas de homicídio, o que representa 43,1% do total de mortes acontecidas nessa idade. Nesse mesmo ano, foram registrados 4.592 óbitos de jovens de 17 anos de idade; do total, 2.215, isto é, 48,2% foram vítimas de homicídio, perto da metade das mortes nesse ano.

Grave e preocupante é a tendência crescente dessa vitimização homicida na faixa de 16 e 17 anos de idade: de uma taxa de 9,1 homicídios por 100 mil jovens em 1980, pula para 54,1, em 2013, crescimento de 496,4% no período.

De responsável por 9,7% da mortalidade nessa faixa etária em 1980, passou para 46% em 2013. Para os dias de hoje, 2015, a estimativa é que metade das mortes de nossos jovens de 16 e 17 anos será por homicídio.

Número, taxas (por 100 mil) e participação (%) na mortalidade de jovens de 16 e 17 anos segundo causa. Brasil, 1980/2013									
Ano	Número de óbitos			Taxas (por 100 mil)			Participação %		
	Trans- porte	Sui- cídio	Homi- cídio	Trans- porte	Sui- cídio	Homi- cídio	Trans- porte	Sui- cídio	Homi- cídio
1980	661	156	506	11,9	2,8	9,1	12,7	3,0	9,7
1985	800	121	901	13,8	2,1	15,5	14,5	2,2	16,3
1990	860	139	1583	14,3	2,3	26,2	14,0	2,3	25,8
1995	1053	194	1898	15,8	2,9	28,4	15,4	2,8	27,8
2000	955	195	2719	13,3	2,7	37,9	13,3	2,7	37,8
2005	1040	222	2870	13,4	2,9	36,8	14,6	3,1	40,3
2010	1101	205	3033	16,2	3,0	44,7	15,5	2,9	42,8
2013	1136	282	3749	16,4	4,1	54,1	13,9	3,5	46,0
Δ% 80/13	71,9	80,8	640,9	38,3	45,5	496,4	9,7	15,4	372,9

Na distribuição por UFs e Regiões do Brasil, no ano de 2013, destacam-se pelas altas taxas de homicídios (por 100 mil) de adolescentes na faixa de 16 e 17 anos, as regiões Nordeste e Centro-Oeste: 76,0 e 67,7 por 100 mil, respectivamente. Entre os estados, os destaques nesse sentido foram: Alagoas, com taxa de 147,0 por 100 mil, Espírito Santo, com 140,6 e Ceará, 108,0.

As menores taxas – que ainda ultrapassam o patamar considerado epidêmico, de 10 homicídios por 100 mil – foram registradas nos estados do Tocantins (13,8 por 100 mil), Santa Catarina (17,3) e São Paulo (21,3).

3.2 Sexo das vítimas

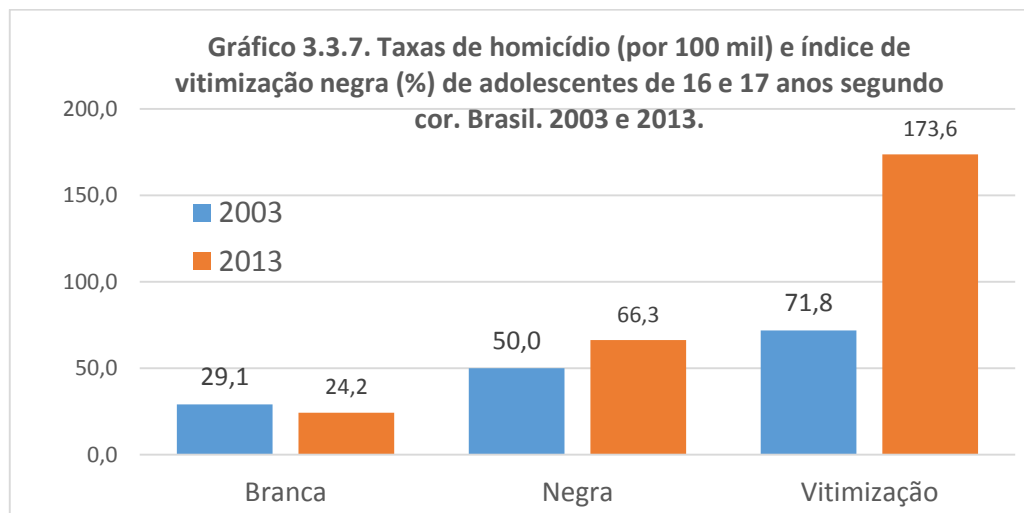
Em 2013, a participação masculina no total de vítimas de homicídio no país, entre adolescentes de 16 e 17 anos, foi de 93,0%. Entre os estados, a variabilidade foi moderada: de 100% de vítimas do sexo masculino no Amapá a 71,4% em Roraima.

A elevada proporção de mortes masculinas por homicídio é uma tendência que se mantém ao longo dos anos, como atestam mapas anteriores. Entre os adolescentes, observa-se semelhante distribuição por sexo das vítimas à encontrada em idades mais adultas.

3.3 A cor dos homicídios

No ano de 2003, as taxas de homicídio de adolescentes brancos de 16 e 17 anos de idade foi de 29,1 por 100 mil; em 2013, essa taxa cai para 24,2. Já a taxa dos adolescentes negros nessa

faixa etária cresce de 50,0 por 100 mil para 66,3 no mesmo período. Isto é, enquanto a taxa dos adolescentes brancos cai 16,7%, a dos adolescentes negros aumenta 32,7%. Com esse diferencial, o índice de vitimização de adolescentes negros pula de 71,8% em 2003 – morrem proporcionalmente 71,8% mais negros que brancos – para 173,6% em 2013 (173,6% mais negros que brancos) como ilustra o Gráfico 3.3.7:



Em 2013, na faixa etária de 16 e 17 anos, as taxas de homicídios (por 100 mil) de adolescentes brancos no Paraná e no Espírito Santo mais que duplicam a média nacional de 24,2%; no outro extremo, os estados de Roraima e Tocantins, sem homicídios de adolescentes brancos. Entre os jovens negros, a média nacional de 66,3% é praticamente triplicada nos estados de Alagoas e Espírito Santo. O índice de vitimização de adolescentes negros de 16 e 17 anos atinge 1.926,3% em Sergipe e apresenta taxas negativas nos estados do Paraná, Rondônia e Santa Catarina.

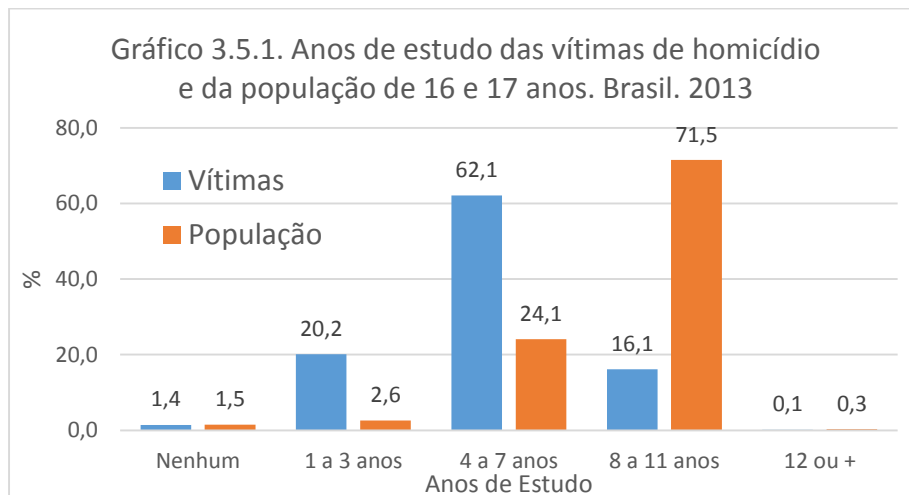
3.4 Os instrumentos utilizados

Em 2013, o meio mais utilizado para efetuar agressões homicidas foi a arma de fogo, que esteve presente em 78,2% dos óbitos de crianças e adolescentes na faixa etária de 0 a 17 anos. A participação desse instrumento aumenta com o avanço da idade das vítimas e atinge, entre os jovens de 16 anos, 81,9% do total de homicídios; aos 17 anos, alcança a marca de 84,1%. Há uma enorme distância entre a participação das armas de fogo e a do segundo instrumento

mais utilizado nos homicídios, os objetos cortantes-penetrantes. Estes participaram de 10% do total de homicídios em 2013, na faixa ampla de 0 a 17 anos.

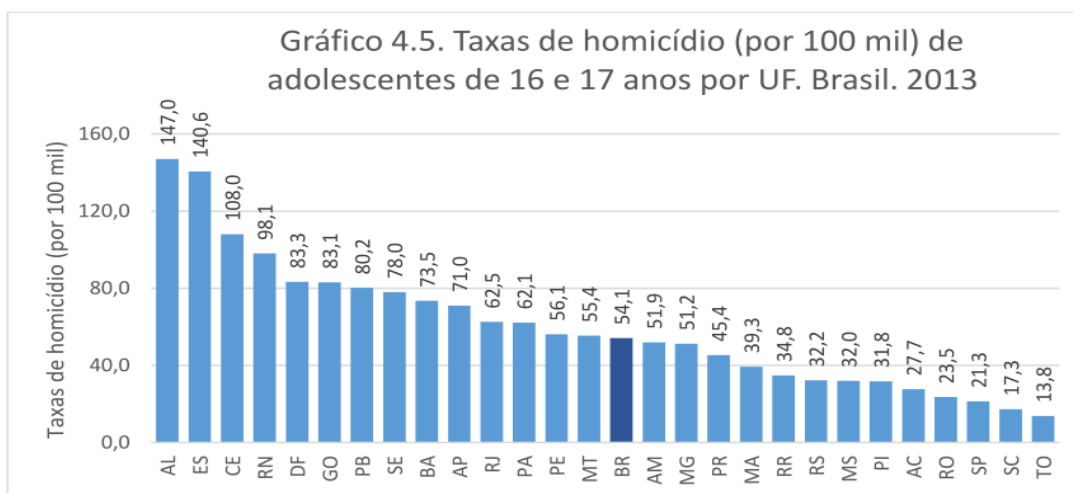
3.5 Diferencial de nível educacional das vítimas de homicídio

No ano de 2013, de um total de 3.749 homicídios de adolescentes de 16 e 17 anos, foram notificados pelo SIM os anos de estudo das vítimas em 76,2% dos casos. A partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, foi possível delinear o perfil de anos de estudo da população de 16 e 17 anos do país. Comparando ambas as séries, vemos que o perfil de escolaridade das jovens vítimas de homicídio é significativamente menor que o da população jovem, diferença que pode ser visualizada no Gráfico 3.5.1:

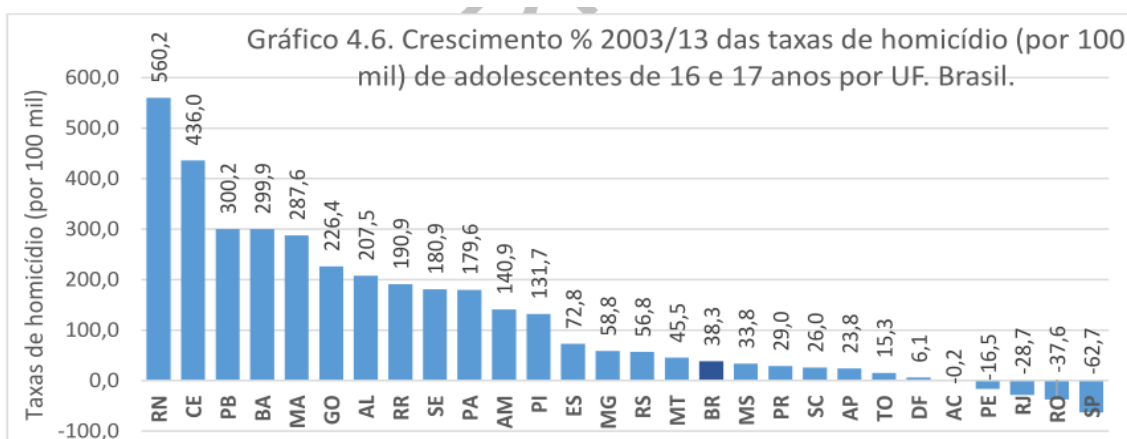


4. OS HOMICÍDIOS NAS UFs

Na faixa de 16 e 17 anos, destacam-se Alagoas, Espírito Santo e Ceará pelas elevadas taxas no ano 2013. No outro extremo, São Paulo, Santa Catarina e Tocantins apresentam as menores taxas nacionais, mas ainda acima de 10 homicídios por 100 mil adolescentes. A distribuição das 27 UFs pode ser visualizada no Gráfico 4.5 a seguir:



O crescimento das taxas de homicídio (por 100 mil) no Brasil, na década 2003/2013, alcançou 38,3%. As regiões que apresentaram maiores crescimentos foram Nordeste (182%), Norte (108%) e Centro-Oeste (80,8%). O Sul registrou crescimento moderado, de 37,5% e o Sudeste, queda de 25,6%. A distribuição do crescimento das taxas nas UF pode ser vista na tabela 4.6.



5. OS HOMICÍDIOS NAS CAPITAIS

Na década 2003/2013, o elevado número de homicídios de adolescentes de 16 e 17 anos manteve-se estagnado, mas as taxas aumentaram em decorrência da retração da população nessa faixa etária. Em 2013, nas capitais, esse número foi de 1.312 vítimas; a taxa de 88 por cem mil jovens representa um aumento de 14,5% em relação a de 2003, que foi de 76,9%.

A Região Nordeste, no ano de 2013, liderou o *ranking* de homicídios de adolescentes nas capitais, concentrando 52,8% das vítimas de 16 e 17 anos. Nesse ano, sua taxa de homicídios

(por 100 mil) foi de 173,1%, tendo crescido 214% na década. Em 2003, as capitais da Região Nordeste apresentavam taxas bem abaixo da média nacional: 55,1 por 100 mil.

As capitais da Região Norte impulsionaram um crescimento relativamente alto das taxas na década, 76,2%. Já a Região Sudeste registrou quedas fortes e contínuas, tanto nos números quanto nas taxas de homicídios, que caíram 60,4% na década. Apresentaram baixo crescimento de taxa de homicídio (por 100 mil) na década: as regiões Sul (10,8%) e Centro-Oeste (6,7%), ambas revelaram contrastes na variação das taxas de suas capitais.

6. OS HOMICÍDIOS NOS MUNICÍPIOS

No relatório, encontram-se detalhados os 100 municípios com as maiores taxas de homicídios de adolescentes de 16 e 17 anos de idade, considerando as taxas médias dos anos 2011 a 2013, nos 243 municípios com mais de 4.000 adolescentes nessa faixa etária. Observa-se um elevado número de municípios com taxas acima de 100 por 100 mil jovens. Detalharemos, a seguir, os 10 municípios com maiores taxas médias.

Ordenamento dos 10 municípios com as maiores taxas médias(2011/2013) de homicídio (por 100 mil) dos 243 municípios com mais de 4.000 adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2011/2013.

Município	UF	Média população	Homicídios			Taxa média 2011/13	Posição
			2011	2012	2013		
Simões Filho	BA	4.510	17	17	11	332,6	1
Lauro de Freitas	BA	5.618	13	23	16	308,5	2
Porto Seguro	BA	4.760	16	19	8	301,1	3
Serra	ES	14.410	40	32	48	277,6	4
Ananindeua	PA	18.491	47	46	49	256,0	5
Maceió	AL	33.996	86	86	81	248,1	6
Marituba	PA	4.214	10	10	10	237,3	7
Itabuna	BA	6.945	10	27	12	235,2	8
Santa Rita	PB	4.500	8	14	9	229,6	9
Fortaleza	CE	89.566	123	236	239	222,6	10

7. ESTATÍSTICAS INTERNACIONAIS

Na faixa de 15 a 19 anos, o Brasil apresenta taxa de mortalidade (por 100 mil) de 54,9%, ocupando a 3ª posição no *ranking* de 85 países, atrás de México e El Salvador, ordem que se

inclusive por aquelas pessoas e instituições que teriam a obrigação e responsabilidade de proteger essas vítimas.

Hoje, 17 anos depois da divulgação do primeiro Mapa da Violência, em 1998, vemos com enorme preocupação que os mesmos argumentos de culpabilização são esgrimidos na tentativa de fundamentar a diminuição da maioridade penal, alavancados pela fúria de certa mídia sensacionalista e pela enorme inquietação da população diante de uma realidade cotidiana cada dia mais complicada e violenta. Esquece-se, de forma intencional, que não foram os adolescentes que construíram esse mundo de violências e corrupção. Esse está sendo nosso legado. Devem ser eles a pagar a conta?